

NOTAS DE CAMPO: por uma educação emancipatória dos gêneros

Kenia Almeida Nunes ¹

RESUMO

Este artigo versa sobre observações e práticas dialogadas realizadas com alunos do Ensino Médio de uma escola pública da Cidade do Natal no Rio grande do Norte acerca das relações entre os gêneros. Em um primeiro momento foi feita observações e conversas informais com docentes e discentes. Posteriormente foi realizado uma entrevista semiestruturada com alguns professores disponíveis e com os alunos da 1ª série do Ensino Médio. Para fechar, dentro da aula de Sociologia, com a série anteriormente citada, foi realizado um debate mediado pela docente da turma sobre o assunto. As discussões foram observadas e anotadas em um caderno de campo, pois o objetivo, naquele momento, era compreender as percepções acerca das relações entre os gêneros dentro do espaço educacional formal. Diante do contexto, percebeu-se que o debate sobre as questões de gênero dentro dos ambientes da educação básica é necessário e urgente, pois a desconstrução de naturalizações, as quais favorecem a manutenção de violências simbólicas e físicas, principalmente sobre as mulheres, só terá êxito por meio do diálogo para a transformação com as novas gerações.

Palavras-chave: Educação básica, Relações entre os gêneros, Estereótipos.

INTRODUÇÃO

A estrutura social molda os seres humanos antes mesmo do nascimento. Ao nascerem, eles são inseridos numa ordem simbólica na qual se atribui uma denominação e um lugar onde se procede a socialização e se configuram os papéis sociais de homem ou de mulher (LEAL, 2000).

Os estudos socioantropológicos² atentam para o fato de que o masculino e o feminino são produtos de uma construção social historicamente situada, que os leva a pensar que cada sociedade possui um padrão de comportamento que orienta a conduta de homens e mulheres na dinâmica social, deixando claro, portanto, que o aparato biológico do ser humano não diz, por exemplo, se a menina gostará de brincar de boneca ou de carrinho, ou se o menino preferirá a cor azul à cor rosa.

A cultura e a educação, em especial, a escolar, têm um papel fundamental na produção e reprodução desses valores, contribuindo para formar o homem e a mulher que a sociedade da qual faz parte aprecia e deseja e forma os adaptando ao meio onde vivem. A tirinha a seguir é

¹ Professora doutora de Sociologia do Instituto Federal da Bahia – IFBA. E-mail: keniaalmeida@ifba.edu.br

² Ver, por exemplo: MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

ilustrativa da influência da cultura e da educação na construção dos comportamentos masculinos e femininos de uma dada sociedade. Vejamos:



Figura 1 Disponível em: <<http://ana-educacaoconsciente.blogspot.com/2010/04/relacoes-de-genero-na-escola.html>>. Acesso em 15 de março de 2022.

Podemos perceber, mediante a interpretação da figura, que foi inculcada na mente do menino a ideia de que sombrinhas são para mulheres e guarda-chuvas para homens. Isso não é biológico, representa um valor apreciado e moldado pela sociedade, refletido e reproduzido no espaço escolar. Há, portanto, um modelo social que orienta e conduz tal reprodução. A partir disso, podemos considerar que o gênero determina o sexo desde antes do nascimento, adaptando-o aos padrões de feminilidade ou de masculinidade estabelecidos *a priori*. É por meio desses conceitos construídos sócio culturalmente que os pais escolhem um nome característico para o sexo masculino ou feminino, como também definem a cor do enxoval, os brinquedos e os modos de comportamentos, formas de se expressar etc.

Buscando sustentação nas reflexões de Pierre Bourdieu (2003), podemos considerar que é também por meio desses padrões pré-estabelecidos que enxergamos a construção da dominação masculina. Ora, pensar a dominação masculina é recorrer aos modos de pensamento que são produtos dela, ou seja, recorrer aos discursos presentes no âmbito das instituições formadoras dos sujeitos que implicam na produção e reprodução da hierarquização entre os gêneros. Nessa lógica, o pensamento e as ações individuais emanam dos discursos de poder construídos por cada instituição social, as quais tendem a moldá-los de acordo com os discursos socialmente aceitos. Logo, essas relações de poder em que os indivíduos se encontram envolvidos são produtos da incorporação de uma ordem simbólica que expressa a afirmação das estruturas históricas da dominação masculina. No entanto, essas relações de dominação

acabam sendo percebidas, vistas ou tratadas como naturais, pois os dominados aplicam as categorias construídas a partir do ponto de vista dos dominantes. As mulheres em seus discursos, por exemplo, afirmam querer homens mais altos e mais velhos do que elas, mas o que ocorre é uma aplicação das categorias construídas do ponto de vista dos dominantes, como já foi mencionado, pois é tido que os homens é que querem mulheres mais baixas e mais novas que do que eles³.

Um exemplo da transparência da dominação está nas ideias de que as mulheres devem andar com a cabeça baixa, enquanto os homens devem andar eretos como prova de sua masculinidade. Em relação à mulher, é socialmente aceito que ela se sente de pernas cruzadas, fale baixo, deixe transparecer uma dependência e uma submissão em relação aos homens, seus protetores (BOURDIEU, 2003). Vejamos:

[...] é preciso assinalar não só que as tendências à 'submissão', dadas por vezes como pretexto para 'culpar a vítima', são resultados das estruturas objetivas, como também que essas estruturas só devem sua eficácia aos mecanismos que eles desencadeiam e que contribui para a sua reprodução. O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que lhes são subordinados e que só se subordinam a ela porque o constroem como poder (BOURDIEU, 2003, p. 52.).

A escola, desde o seu surgimento, se constituiu como um espaço privilegiado para o processo de socialização dos indivíduos, ajustando-os aos valores socialmente aceitos e valorizados. É por isso que não podemos analisar a escola sem levar em conta as condições sociais e culturais mais amplas nas quais está inserida, tendo em vista que os conteúdos veiculados por ela têm uma conexão orgânica com o todo social e cultural (TEIXEIRA, 1969).

É certo que a escola é um espaço de circulação de poder⁴, através do qual, corpos e mentes são produzidos e reproduzidos cotidianamente, moldando o ouvir e o falar dos indivíduos, seus modos de agir, pensar e sentir, como também os usos dos instrumentos sociais da sociedade na qual se inserem. Assim, o ensinar e o disciplinar são práticas muito intensas no âmbito das escolas, as quais atravessam e marcam fortemente todos que por elas passam. Nesse sentido, a produção do masculino e do feminino encontra no espaço escolar um terreno fértil, construindo corpos e mentes ajustados às concepções de homem e de mulher compartilhadas social e culturalmente. As palavras de Louro (2000) atestam estas considerações. Diz ela:

³ Sobre a violência simbólica ver: BOUDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 3ª edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

⁴ Embasamos a visão de poder na perspectiva foucaultiana. Para maiores esclarecimentos, ver FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

As sociedades urbanas, no entanto, ainda apostam muito na escola, criando mecanismos legais e morais para obrigar que todos enviem seus filhos e filhas à instituição e que esses ali permaneçam alguns anos. Essas imposições, mesmo quando irrealizadas, têm consequências. Afinal, passar ou não pela escola, muito ou pouco tempo, é uma das distinções sociais. Os corpos dos indivíduos devem, pois, apresentar marcas visíveis desse processo; marcas que, ao serem valorizadas por essas sociedades, tornam-se referência para todos (LOURO, 2000, p. 21).

Nesse sentido, Scott (1990) argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social. Assim, aponta de maneira propositiva que o corpo é um motivo de investigação histórica, sociológica e cultural e que seu significado varia de acordo com cada contexto. Desse modo, o termo gênero explicita um processo que busca elucidar como a cultura impõe ao masculino e ao feminino determinados modos de ser, de agir, pensar e sentir, considerando, ainda, essa construção como perpassada por relações de poder entre os sexos veiculados no contexto social e assumidos como verdades que são naturalizadas entre as pessoas de forma inconsciente.

Nessa perspectiva, buscou-se neste trabalho relatar as maneiras como estudantes e professores de uma escola da rede pública da Cidade de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, percebem os comportamentos de homens e mulheres no espaço escolar, atentando para a representação que esses sujeitos têm do masculino e do feminino tanto na escola em foco, como na tessitura social mais ampla.

METODOLOGIA

O trabalho em questão utilizou em princípio a pesquisa bibliográfica, que diz respeito ao primeiro passo para a realização de toda e qualquer investigação acadêmica, pois é nela que ocorre o levantamento e a seleção de documentos publicados sobre o assunto pesquisado. É com esse recurso metodológico que se pode conhecer o tema e a partir desse conhecimento fazer os recortes para se chegar ao objeto de estudo. Além desse levantamento bibliográfico, o referido método é essencial para a fundamentação teórica da pesquisa, pois é a partir dele que as reflexões sobre o objeto de estudo são feitas, haja vista que um trabalho acadêmico não se restringe apenas à utilização de técnicas de coleta de dados, mas também da interpretação desses dados. “Essa forma de investigar, além de ser indispensável para a pesquisa básica, nos permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área do conhecimento” (CRUZ NETO, 2001, p. 52).

Após esse procedimento metodológico supracitado optou-se pela observação de campo. Este método foi desenvolvido pela Antropologia e diz respeito a inserção do pesquisador no campo investigado.

Sobre o trabalho de campo Cruz Neto (2001, p. 53) salienta,

Pode nos fazer lembrar estudiosos que partiram para regiões distantes em busca de culturas diferentes, para um árduo trabalho de compreensão dos distintos modos de vida desses povos. Essa percepção representa uma das possíveis dimensões da ida ao campo, uma vez que as possibilidades e limites das diversas realidades existentes no cotidiano social permitem ao pesquisador um infinito leque de procedimentos e descobertas.

Embora o trabalho de campo tenha tido seu início na Antropologia, ele não faz parte apenas dessa área do conhecimento, pois é um método que insere o pesquisador em campo e faz com que o pesquisador participe das ações diárias dos atores pesquisados.

Desse modo, a ida ao campo ocorreu por quatro vezes. Em um primeiro momento sendo a exploratória, ou seja, para o reconhecimento do campo a ser pesquisado e do objeto de estudo. Nesse momento, não houve uma pesquisa participante, pois remetia somente a observação distanciada (CRUZ NETO, 2001). A segunda ida ao campo se deu com o intuito de observação da escola, do corpo docente e discente. Nesse momento, foi colocado em prática conversas informais acerca do espaço da escola.

Todas as idas ao campo foram relatadas no caderno de campo ou diário de campo (não houve registro fotográficos, pois não foi permitido). “Nele diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas” (CRUZ NETO, 2001, p. 63). Nesse sentido, entende-se que essa técnica é de fundamental importância, pois é nele que o pesquisador coloca todas as informações e observações acerca do campo pesquisado. Assim sendo, quanto mais rico em dados o caderno for, maior será o seu auxílio para o pesquisador no que diz respeito à análise dos dados (CRUZ NETO, 2001).

O campo pesquisado foi uma escola pública que está localizada na Cidade do Natal, estado do Rio Grande do Norte. O público-alvo da pesquisa foram os discentes e docentes da instituição. O nome da escola ficará oculto.

A terceira metodologia utilizada para realização desta pesquisa foi uma entrevista semiestruturada. De acordo com Cruz Neto (2001, p. 57), a entrevista “[...] não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados

pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada. As entrevistas foram realizadas com o intuito de entender melhor o objeto de estudo pesquisado, assim como de analisar se a fala dos atores entrevistados condizem com a prática deles. Os nomes dos informantes e dos entrevistados deste trabalho são fictícios, fato que foi anunciado aos mesmos no início desta pesquisa.

A quarta ida ao campo possibilitou a minha participação em um debate na aula da professora regente de Sociologia da turma da 1ª série do Ensino Médio. A minha participação nesse momento foi mais de observação e anotações no caderno de campo. Houve apenas algumas ideias lançadas para que os alunos debatessem sobre o tema analisado naquele momento, as relações entre os gêneros.

As análises das entrevistas e dos dados coletados foram realizadas com base no método da análise de conteúdo. A análise de conteúdo é um método utilizado para desvendar o que está além da aparência superficial (IKEDA; CHANG, 2005). Essa técnica é utilizada há mais de 200 anos para analisar textos jornalísticos, propagandas, revistas, discursos políticos, entre outros.

De acordo com Bardin (2000, p. 42) a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Essa técnica de análise foi escolhida para refletir sobre os dados colhidos em campo à luz das entrevistas e dos autores lidos acerca do objeto de estudo. Busca-se com ela verificar se os conteúdos presentes nas entrevistas estão em acordo com as observações feitas no campo de pesquisa.

Todas as abordagens metodológicas deste trabalho foram do tipo qualitativa, favorecendo, desse modo, uma maior interação com à experiência do campo pesquisado, pois houve idas ao mesmo com vista a observação. Estas ajudaram na contextualização do campo pesquisado, assim como possibilitou uma compreensão mais detalhada da questão aqui estudada (RICHARDSON, 1999).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em conversa informal com discentes (tanto os meninos quanto as meninas) nos corredores da escola, ficou visível que para grande parte deles as meninas bagunçavam bem

menos do que os meninos e que, conseqüentemente, tiravam melhores notas. Indagados sobre os motivos de tais comportamentos, muitos assim se expressaram: “é porque as meninas gostam mais de estudar”, “os homens não ligam muito pra estudo não”. Diante de tais depoimentos, percebeu-se que grande parte dos estudantes abordados acredita que esses comportamentos são naturais⁵, pois sequer citaram a influência da família ou dos professores na conduta e no progresso dos discentes nos estudos.

Nesse mesmo viés seguiu a visão de grande parte dos professores entrevistados. Quando perguntados sobre quem mais reprovava em suas disciplinas, se homens ou mulheres, seis dos onze professores que responderam ao questionário disseram que os homens reprovavam mais. Dois disseram que nunca haviam observado essa questão, dois não responderam e apenas um disse que as mulheres reprovavam mais.

Os indivíduos sofrem as conseqüências do dimorfismo cultural⁶ e sexual e, ao longo da vida, são induzidos a se adaptarem aos padrões da feminilidade ou da masculinidade predominantes (NUNES, 2001). A masculinidade é construída em oposição à feminilidade e essa oposição se reflete em diferentes comportamentos sexuais e reprodutivos entre os gêneros, tendo conseqüências sobre as atitudes e ações em suas relações sociais. Dessa forma, a linguagem popular, os chistes e os provérbios, refletem e reforçam as desigualdades de gênero, contribuindo para perpetuá-las e naturalizá-las, como ficou evidente nos discursos anteriormente registrados.

Segundo a direção da escola, a temática das Relações de Gêneros já foi trabalhada em conjunto com a Bem-estar Familiar no Brasil (BEMFAM) e em parceria com uma Organização Não-Governamental (ONG) canadense. De acordo com os relatos da vice-diretora, houve minicursos e palestras tanto para os professores quanto para os alunos. Não foi encontrado, no espaço da escola, registros dessas atividades educativas, pois conforme deixou claro a informante, as fotografias e os relatórios das atividades se encontravam em sua casa.

No trabalho pedagógico escolar cotidiano percebeu-se que o tema das Relações de Gêneros não ocupa tanto espaço como deveria. Fato interessante, nesse sentido, foram os comentários de muitos professores no momento de responderem ao questionário. Dentre as opiniões surgidas, uma merece destaque. Vejamos:

⁵ Essa afirmação representa uma visão em construção, tendo em vista que ainda não foi realizada uma investigação mais detida em torno dessa questão na escola observada.

⁶ O dimorfismo cultural é a transposição das diferenças biológicas para o plano da cultura, estabelecendo-se oposições homólogas ancoradas em dicotomias que atribuem características positivas aos homens e negativas às mulheres.

Não sei como tem gente que se importa com essas questões, tem gente que faz até doutorado nessa área! Poderiam estudar coisas mais interessantes. Vocês só podiam mesmo ser estudantes de Ciências Sociais!

[Notas do caderno de campo]

Na mesma cena em que a professora de Língua Portuguesa foi a protagonista, houve várias outras manifestações preocupantes, que vão desde a objeção em relação ao fato de as questões serem, em sua maioria, subjetivas; quanto a discursos moralistas. Embora a professora de Língua Inglesa tenha se mostrado pouco à vontade com o tema (não sabia o que era gênero), ela propagou um discurso preconceituoso em relação às práticas sexuais que saem da normalidade estabelecida e das práticas que estão sendo incorporadas às leis como casamento e a adoção por casais homossexuais. Dentre as declarações feitas por ela, duas merecem destaque:

Vocês que estudam isso (gênero) é que deve lutar para que isso não se torne público, como o que acontece, meninos sentados nas pernas de outros meninos, isso não pode existir. E antes eles escondiam, mas hoje fazem questão de dizer, eu sou [...].

[Notas do caderno de campo]

As declarações acima, feitas pelas professoras de Língua Portuguesa e Inglesa, expressam não só a falta de conhecimento de muitas pessoas em relação à temática, mas, sobretudo, a urgência de se trabalhar significativamente o tema, tanto com professores quanto com alunos, pois depoimentos como esses revelam as faces do Currículo Oculto a que estão submetidos os estudantes e, na grande maioria das vezes, é esse tipo de currículo que reforça estigmas e preconceitos.

Entre os professores que responderam aos questionários, percebeu-se um desconhecimento sobre o que vem a ser Relações de Gêneros. As respostas ficaram polarizadas, desde os que nada sabiam até os que tinham a noção de que são relações entre homens e mulheres definidas sócio culturalmente. Mesmo assim, muitos deles responderam que trabalhavam a temática mediante os Temas Transversais. Interessante: vários professores não sabiam o que são Temas Transversais!

No geral, percebeu-se um trabalho pedagógico frágil sobre o assunto, o que revela a falta de conhecimento sobre a questão, bem como de sua importância enquanto conteúdo educativo.

O Ensino de Sociologia e a questão de gêneros

A aula de Sociologia observada se deu numa sala de 1º ano do Ensino Médio. O tema da aula não tratava especificamente sobre as Relações de Gêneros. A discussão girava em torno da questão dos Problemas Sociais. Era dia de apresentação de seminário e a professora seguiu com o planejamento já combinado com os alunos. As apresentações foram muito boas, os estudantes possuem boa desenvoltura intelectual, participam, concordam, discordam, expõem suas opiniões de modo bastante claro. Em certo momento da aula, a professora soube encaixar perfeitamente a discussão sobre as Relações de Gêneros, colocando questionamentos aos estudantes que os provocavam a se manifestarem e a explicitarem as suas visões acerca do assunto. A turma ficou demasiadamente agitada com as perguntas colocadas pela docente, o que fez emergir opiniões as mais diversas.

Percebemos nesse momento, o quanto os estudantes carecem de uma visão mais aprofundada e despida de preconceitos e concepções cristalizadas. Muitos orientam suas opiniões por preceitos religiosos cristãos, outros se embasam em visões do senso comum, reproduzindo estereótipos e preconceitos que contribuem para a manutenção das relações de poder entre os gêneros. Há também aqueles que já iniciaram a construção de uma postura mais crítica sobre o tema, embora a mediação docente se fizesse necessária.

Disso retiramos a importância que tem o conhecimento sociológico, antropológico e político para a formação desses jovens. A aprendizagem decorrente desses conhecimentos contribui para que os estudantes questionem a aparência dos fenômenos sociais, de modo que eles iniciem a compreensão de como tais fenômenos são produzidos, reproduzidos e perpetuados na sociedade. Assim, a Sociologia, a Antropologia e a Ciência Política, são elementos indispensáveis para a formação de sujeitos mais críticos, participativos, autônomos e atuantes na construção de uma nova sociedade na qual a diversidade possa ser vivida, valorizada e respeitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado na escola estudada foi muito proveitoso, uma vez que possibilitou a percepção de como as relações de gêneros vão se desenhando na atmosfera da escola, como também ofereceu uma riquíssima experiência etnográfica de como é estar no campo de pesquisa sendo envolvido por ele. Nesse sentido, como aponta Zaluar (1985), ir a campo é importante porque é lá que você vê a realidade se fazendo e refazendo, o que ajuda ao pesquisador a abandonar determinadas pré-noções oriundas do senso comum.

Ir ao espaço da escola possibilitou perceber o quanto o tema é mal discutido, mal trabalhado pedagogicamente. Acreditamos que essa realidade não é exclusiva desta escola, nem tampouco se restringe aos espaços educativos das instituições públicas de ensino. Isso é preocupante, tendo em vista que é um tema extremamente importante para a formação de sujeitos cada vez mais respeitosos à diversidade sociocultural.

Por fim, adentrar mais profundamente na questão das Relações de Gêneros na escola advertiu para a tarefa que me espera, tendo em vista a precariedade com que o assunto é discutido, quando discutido. Nesse sentido, crê-se que a postura enquanto cientista social não será apenas a de lançar um olhar crítico sobre a sociedade no intuito de compreendê-la, a tarefa vai além, como educadora e, diante disso, terei que tomar partido, pois como aponta Freire (2005), ou se está a favor dos oprimidos ou contra eles.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução Maria Helena Kuhner. 3ª edição – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

IKEDA, Ana Akemi; CHANG, Sandra Rodrigues da Silva. **Análise de conteúdo** – uma experiência de aplicação na pesquisa em comunicação social. Comunicação e inovação. Jul./Dez. 2005. Disponível em <
https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/618>. Acesso em: 30 de março de 2022.

LEAL, I. O Feminino e o Materno. In. C. Canavarro (ed.) **Psicologia da Gravidez e da Maternidade**. Coimbra: Quarteto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEAD, Margareth. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

NUNES, Kenia Almeida. **GÊNERO OU SEXUALIDADE?:** (re) produção das identidades homoeróticas masculinas no Cinema de massa. Editora: Clube de Autores, 2018.

RICHARDSON, Jarry Roberto. **Pesquisa social: método e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, jul./dez/, 1990.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação no Brasil**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

ZALUAR, Alba. O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva. In_____. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 9 - 32.